

D. Sebastião e a Cidade do Paraíso Terrestre. Notas sobre o movimento sebastianista da Serra do Rodeador (1817-1820)¹

Jacqueline Hermann

O período que antecedeu a Independência política do Brasil foi marcado por movimentos que revelaram um quadro de insatisfação com aspectos variados das relações luso-brasileiras na virada do século XVIII para o XIX. Os "ensaios sediciosos", que refletiriam na colônia os acontecimentos europeus e americanos de crítica e erosão do que a partir de então se passou a chamar de Antigo Regime, teriam se inspirado no processo de independência das colônias americanas, de 1776, ou na então inimaginável Revolução Francesa, detonada em 1789.

No Brasil ainda é controverso o *status* dos vários "ensaios sediciosos" que a colônia teria vivido no período. Carlos Guilherme Mota (1979) classifica como inconfidências os movimentos que tiveram lugar em Minas Gerais (1789), Rio de Janeiro (1794), Bahia (1798) e Pernambuco (1801), enquanto István Jancsó entende que, rigorosamente, somente os acontecimentos de Minas Gerais e Bahia poderiam ser considerados como processos "de deliberada e organizada vontade de subverter a ordem pública e os padrões de organização do Estado" (1997, p. 390). Numa perspectiva mais ampla, Fernando A. Novais, no seu clássico *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*, compreendeu as conjurações como reflexo político do agravamento "das tensões derivadas do próprio funcionamento do sistema colonial", inserindo-se no "quadro mais geral da revolução do Ocidente"², enquanto Alexandre (1993) procurou negar o conceito de crise estrutural do sistema colonial, considerando os vários movimentos de inconfidência de nosso período colonial como acontecimentos "pontuais, afastados no tempo e no lugar", motivados por interesses locais e grupos específicos.

¹ Pesquisa financiada pelo CNPq.

² Cf. Fernando A. Novais. *Portugal e Brasil na crise*

Esta breve introdução do cenário e das possíveis motivações e interpretações conhecidas sobre os movimentos acima referidos pretendem tão somente apontar para a complexidade das questões presentes na análise do período e do contexto político potencialmente explosivo dos momentos que antecederam o fim de nosso período colonial. Sem entrar nas possíveis discussões acerca dos conceitos de inconfidência, conjuração ou sedição, esta breve exposição tem por objetivo introduzir nesse contexto uma análise preliminar do ainda quase desconhecido movimento sebastianista da Serra do Rodeador, ocorrido no município de Bonito, localizado a 230kms. de Recife, e debelado pelas tropas legais em 1820. A possibilidade de pensar este peculiar movimento no conjunto dos acontecimentos que podem ter marcado a chamada crise do Antigo Regime português é o que motiva a participação neste colóquio sobre as relações luso-brasileiras, pois ao contrário das inconfidências e conjurações antes mencionadas, o caso da Serra do Rodeador parece apontar outras perspectivas de análise para esse contexto de crise.

Embora os projetos e métodos dos envolvidos no episódio da Serra do Rodeador pareçam distantes do conjunto das ambições que podem ter conformado os movimentos sediciosos, parece impossível descolá-lo dos acontecimentos da chamada "Revolução Pernambucana" de 1817 que, segundo Carlos Guilherme Mota, na história do mundo luso-brasileiro "representa o primeiro traço realmente significativo de descolonização acelerada e radical" (1972, p. 2). Percebida como parte de um *continuum* que indicava a direção da história da luta pelo fim da sujeição colonial, os acontecimentos que levaram à tomada de Recife entre 6 de março e 19 de maio de 1817 pareciam completar o quadro que se vinha esboçando desde as conjurações de fins do século XVIII, desnudando o momento terminal da agonia metropolitana.

De forma bem menos estrondosa, surgia na região do Bonito um grupo liderado por dois ex-soldados do 12º Batalhão de Milícias, dando origem àquela que foi chamada a Cidade do Paraíso Terrestre. Criada junto a uma laje considerada "encantada", os seguidores dos "profetas" Silvestre José dos Santos e Manuel Gomes recebiam mensagens de uma Santa, segundo a qual sairia da pedra, "do lugar onde está uma Cruz, El-Rei D.Sebastião com seu exército", assim que a comunidade reunisse mil integrantes, transformando os dois líderes em Príncipes; os pobres em ricos; trazendo a imortalidade e a felicidade³. Três anos depois, o movimento da Serra do Rodeador, como ficou conhecido, foi debelado pelas tropas lideradas pelo General Luiz do Rego Barreto, vindo especialmente de Portugal para assumir o controle da ordem em Pernambuco ainda durante os acontecimen-

tos de 1817. A repressão deu origem a uma Devassa⁴, rico e volumoso documento que ainda hoje aguarda uma análise mais aprofundada.

As características do movimento do Rodeador podem nos ajudar a refletir e mesmo a tornar mais complexo o cenário de sedição de que vínhamos falando, permitindo algumas considerações sobre a possibilidade de pensá-lo como um "ensaio sedicioso" de novo tipo. A partir do conceito de sedição proposto por Jancsó (1997, p.389), "ação organizada visando a revolução", a Cidade do Paraíso Terrestre poderia ser tomada apenas como uma revolta que mobilizou um número reduzido de homens e mulheres - entre 200 e 400, no máximo - em nome do "viva o rei, morra o mau governo", mas sem alterar os fundamentos da ordem e, ao contrário, buscando restaurá-los. No entanto, se no caso do Rodeador a ordem monárquica ou a submissão colonial não foram contestadas, a legitimidade do rei D.João VI foi direta e explicitamente desafiada, demonstrando não inconfidência, infidelidade ao trono, mas certamente rejeição ao monarca em exercício.

O caráter messiânico do movimento e a expectativa em torno da volta de D.Sebastião, o filia de maneira inequívoca ao sebastianismo surgido em Portugal depois do desaparecimento do rei D.Sebastião na fatídica batalha de Alcácer Quibir em 1578. É ao mesmo tempo espantosa e desafiadora a sobrevivência da crença sebástica no interior pernambucano mais de três séculos depois, sobretudo por suas características peculiares, quando confrontadas com outras manifestações sebastianistas já conhecidas. Tecida a partir da falta de notícias sobre o desfecho do embate, a expectativa sobre a volta de parentes, filhos e maridos certamente colaborou para a o surgimento de uma crença difusa e razoavelmente generalizada em Portugal, e provavelmente em muitas de suas colônias⁵, de que o rei que liderara o

³Dentre os poucos trabalhos sobre o movimento da Serra do Rodeador encontram-se René Ribeiro. "Episódio da Serra do Rodeador (1817-1820): um movimento milenar e sebastianista", *Revisia de Antropologia*, vol. 8, nº 2, São Paulo, dezembro de 1960 (agradeço a Leonarda Musumeci a cópia desse texto); F. A. Pereira da Costa, "O Folk-lore Pernambucano", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo 70, parte II, 1907, pp.33-44; Maria Isaura Pereira de Queiroz, *O Messianismo no Brasil e no Mundo* (2ª ed.). São Paulo, Alfa-Omega, 1976; Leonarda Musumeci, "Bonito, Pernambuco, 1820 - A revolta sebastianista da Serra do Rodeador", trabalho em fase conclusão para o Doutorado em Antropologia, Museu Nacional, UFRJ.

⁴Devassa acerca dos acontecimentos da Serra do Rodeador". Governadores de Pernambuco. Correspondência com o Ministro do Reino 1820-21. Seção de Documentos, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Devo a Lauanne Macedo Fagundes e sobretudo a Juliana Ferreira Sorgine o cuidadoso traslado de parte da Devassa do movimento, depositado no Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.

⁵No Brasil desde fins do século XVI se tem notícia de expectativas messiânicas diretamente relacionadas às raízes do sebastianismo português, cf. "O sebastianismo atravessa o Atlântico" in Jacqueline Hermann. *O sonho da salvação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, Coleção Virando Séculos, vol.3.

exército nas areias do Marrocos ainda estaria vivo e voltaria para restabelecer a ordem e a glória da dinastia de Avis. Bisneto de D.Manuel, o Venturoso, D. Sebastião esteve à frente de um dos mais controvertidos reinados portugueses e sua derrota foi creditada à imprudência, à falta de preparo e, fundamentalmente, às fraquezas e defeitos pessoais do "reizito" despreparado⁶. Do ponto de vista político, a consequência mais grave da humilhante derrota católica para os filhos de Maomé foi a perda da independência em 1580 e a anexação do reino à Espanha, dando início à União Ibérica, que se estenderia até 1640. Nesse longo período de sessenta anos, a crença sebastica só fez aumentar, ganhando novos formatos e adeptos tanto entre homens de grei como em meio aos populares. No primeiro grupo podemos destacar D. João de Castro⁷, neto do Vice-Rei da Índia de mesmo nome, e primeiro a reescrever a história de vida de D.Sebastião a partir de seu desaparecimento, inserindo no novo enredo aspectos explicitamente sagrados; e Antônio Vieira, jesuíta ilustre que desafiou os inquisidores ao defender a "História do Futuro", tempo de fundação do Quinto Império do Mundo, comandado por um rei e com sede em Portugal⁸. Entre homens e mulheres do povo o sebastianismo português de fins do século XVI à segunda metade do século XVII foi vivenciado de forma festiva pelos falsos reis que tentaram se fazer passar pelo monarca desaparecido⁹ e por visionárias que encontravam D. Sebastião em viagens encantadas e aguardavam sua volta para a inauguração de um novo tempo.

Não é fácil, nem possível, estabelecer uma relação direta entre os primeiros momentos de surgimento da crença sebastica - claramente presos aos acontecimentos mais imediatos - e o sentido do movimento da Serra do Rodeador, no início do século XIX. Se não há dúvida de que o essencial da espera messiânica régia manteve-se intacto, suas motivações e o cenário que a fez desabrochar foram certamente outros, para não falar das próprias características da espera e dos elementos constitutivos dos rituais presentes na Cidade do Paraíso Terrestre. Mas em que pesem todos esses cuidados, o movimento da Serra do Rodeador foi, pelo menos ao que sabe até o momento, a primeira manifestação coletiva e explicita-

⁶ Para uma análise do sebastianismo português ver Jacqueline Hermann. *No Reino do Desejado. A construção do sebastianismo em Portugal, séculos XVI e XVII*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

⁷ Cf. D.João de Castro. *Discurso da vida do rey Dom Sebastiam*. Fac-símile da ed. de 1603. Paris. Introdução de Aníbal Castro. Lisboa, Edições Inapa, 1994.

⁸ Para uma análise mais detalhada do sebastianismo de D.João de Castro e do "joanismo" de Antônio Vieira, pois para o jesuíta seria D.João VI o Imperador do Quinto Império, ver Jacqueline Hermann, *op. cit.*, cap.4.

⁹ Entre 1584 e 1603, 4 falsos D.Sebastião procuraram tomar o lugar do rei desaparecido em Alcácer Quibir. Para uma análise desses casos e das visionárias, ver Jacqueline Hermann, *op. cit.*, cap.5.

mente sebastianista de nosso período colonial. Outros indícios de disseminação da crença sebastiana no Brasil apontam o que poderíamos chamar de "chegada do sebastianismo ao Brasil" desde fins do século XVI, e para citar dois exemplos mais conhecidos do século XVIII tivemos o caso de Rosa Egipcíaca da Vera Cruz, que de escrava e prostituta tornou-se beata, sonhava casar-se com D. Sebastião e fundar um Império onde seria a imperatriz; e Pedro de Rattes Henequim, português que viveu vinte anos no Brasil e formulou suas "101 Teses" defendendo ser o Brasil o lugar da fundação do Quinto Império do Mundo, fórmula mais sofisticada para designar o Paraíso Terreal retomado pelos habitantes da Serra do Rodeador¹⁰.

Os aspectos coletivo e insurgente dos habitantes da Cidade do Paraíso Terrestre nos remetem ainda a outras considerações. Segundo Jean Delumeau (1989, p.207-209)¹¹ pode-se distinguir duas formas de interpretação dos textos proféticos, surgidas entre fins do século XV e início do século XVI: uma que acreditava na promessa de mil anos de felicidade e outra que insistia no Juízo Final. Na primeira corrente encontraríamos ainda métodos diferentes para lidar com a espera de um milênio de fartura e prosperidade - um conjunto de manifestações milenaristas dispensava o uso da força para a chegada do novo tempo; outro apostava na necessidade de apressar a chegada do milênio usando para isso todos os meios disponíveis.

O sebastianismo português estruturou-se, pelo conjunto de manifestações já conhecidas, a partir da concepção pacífica da espera, inspirada na doutrina das três idades do monge calabrês do século XIII, Gioacchino de Fiore, ou Joaquim de Flora, segundo a qual à Idade do Pai, era do Antigo Testamento, seguir-se-ia a Idade do Filho, tempo do Novo Testamento e, finalmente chegaria a Idade do Espírito Santo, era de uma nova ordem espiritual, momento de concretização do reino de Cristo sobre uma terra regenerada. Na outra vertente, adepta do uso da força, podemos encontrar nos seguidores de Thomas Münstzer, em 1525, na Alemanha, e nos anabatistas e *diggers* ingleses os maiores exemplos.

Quanto ao Rodeador, parece não haver dúvida de que este se enquadra no conjunto milenarismos insurgentes, novidade importante do sebastianismo pernambucano. Organizados a partir da liderança de dois desertores das milícias reais, toda a organização interna da comunidade misturava de forma estreita pre-

¹⁰ Para uma análise cuidadosa dos 2 casos ver Luiz Mott. *Rosa Egipcíaca - uma santa africana no Brasil*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1993 e Plínio Freire Gomes. *Um herege vai ao paraíso - Cosmologia de um ex-colono condenado pela Inquisição (1680-1744)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

¹¹ Jean Delumeau. *História do Medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 207-209.

ceitos religiosos e disciplina militar. Foi graças à importância concedida ao movimento que hoje podemos tentar uma aproximação maior com o sentido e a estruturação da Cidade do Paraíso Terrestre.

A devassa produzida pelas forças repressoras nos permite saber até mesmo das estratégias usadas pelo comando militar para conhecer e destruir o ajuntamento do Rodeador, dentre as quais destacou-se a infiltração de homens de dentro e de fora das forças legais na comunidade messiânica. Através desses relatos, pode-se saber como se preparavam para enfrentar a reação daqueles que não quisessem ingressar nas hostes de D. Sebastião. Vale dizer, no entanto, que "conhecer" o inimigo, para as tropas legais, não pressupunha nenhum tipo de negociação, pois o desbarate da insurreição era certo.

O que reaparece aqui é o medo disseminado pelos "ensaios sediciosos" e, no caso do Rodeador a supervalorização do perigo não pode ser desvinculada dos acontecimentos da "Revolução Pernambucana" que o precederam. A confirmar essa estreita relação, ressalte-se a atuação do General Luiz do Rego Barreto, vindo diretamente de Portugal, nomeado por D. João VI, para ocupar o lugar de Marechal de Campo, Governador e Capitão-General da Capitania de Pernambuco, em substituição ao Almirante Rodrigo Lobo, chefe das forças legais que retomaram Recife dos insurgentes de 1817.

A teia de questões políticas e militares que envolveram a atuação de Rego Barreto em Pernambuco entre 1817 e 1820, ano da repressão ao Rodeador, apontam possibilidades extremamente ricas para o entendimento do cenário que envolveu o massacre dos seguidores dos "profetas" e Silvestre José e Manuel Gomes e que ainda precisam ser melhor conhecidas. A nomeação de um português para o comando da capitania que abrigara uma proto-revolução republicana não pode ser tomada sem a devida importância na conjuntura final de nossa história colonial. O rigor e a ferocidade empregada no extermínio da Cidade do Paraíso Terrestre foram alvo de críticas severas dos inimigos políticos de Rego Barreto, na colônia e na metrópole, e deram origem a uma *Memória Justificativa*¹², na qual o general afirmava ter agido contra desordeiros, salteadores que ameaçavam a ordem e devastavam a província. Na *Devassa acerca dos acontecimentos da Serra do Rodeador*, aliás, Rego Barreto alude a seus inimigos sem constrangimento, referindo-se dire-

¹² *Memória Justificativa sobre a conduta do Marechal de campo Luiz do Rego Barreto durante o tempo em que foi Governador de Pernambuco, e presidente da Junta Constitucional da mesma província. Oferecida à nação portuguesa.* Lisboa, Tipographia de Desiderio Marques Leão, 1822.

tamente aos Ouvidores de Recife e Olinda

que em toda a parte, e em toda a ocasião se tem abertamente opposto a mim, chegando a sua delirante vaidade a dar-se como moderador das minhas imprudencias : isto he chegar as cousas ao ultimo estado. Nem V.Excia cuida que esgote aqui todo o Cálix da Amargura, que estes dois Magistrados me tem dado a beber; fica muito por narrar, e nem mesmo pretendo agora chamar a attenção de V. Excia á alliciação, que ambos quizerão fazer ao Juiz de Fora chamando-o a si, e persuadindo-o a assinar calumnias contra a minha pessoa e governo. (Devassa, fólíio 29 verso)

A multiplicidade de aspectos a serem considerados na análise da estrutura e do sentido político, social, religioso, militar e cultural do Rodeador ainda está longe de nos permitir uma interpretação mais geral do movimento. No que toca especificamente à reflexão proposta neste rápido artigo -- a possibilidade de pensar o movimento da Serra do Rodeador no conjunto das sedições que anunciavam a ruptura dos laços coloniais - pode-se adiantar algumas considerações.

O projeto insurgente e armado do movimento marca, como já apontado, uma distinção importante em relação ao conjunto de manifestações sebastianistas mais conhecidas. Segundo os depoimentos reunidos na Devassa, toda a arregimentação e aliciamiento de adeptos partia do pressuposto da necessidade da luta aberta e armada para o alcance da felicidade eterna. As terras que ocupavam pertenciam ao sargento de ordenanças João Francisco da Silva, que se associou a Silvestre José dos Santos para a fundação da Cidade do Paraíso Terrestre, tendo ainda a proteção do comandante do Distrito de Bonito, Manuel Bezerra.

Os depoimentos reunidos na Devassa foram recolhidos depois do desbarate do arraial, ocorrido na madrugada de 25 de outubro de 1820, e da prisão de diversos integrantes do grupo. Em 30 de outubro, dirigindo-se ao rei, Rego Barreto escreveu:

Está tudo concluído: espero aqui brevemente as tropas, presos e feridos. Hum Ministro hirá tirar a devassa competente, o povo está admirado da maldade, e do perigo que lhe estava sobranceiro; e gostoso de ver que nada mais tem que recear. Todas as providências para o bom tratamento dos feridos estão dadas. Nada nos falta. (Devassa, fólíio 30).

Depois da prisão de diversos integrantes do grupo e da "acomodação e distri-

buição"¹³ de várias mulheres e crianças, começaram os depoimentos. Um destes foi o cunhado de Silvestre, Antônio Pereira, ex-alferes, e que em seu relato dissera que antes de entrar para o Rodeador o "Profeta" lhe perguntara se "tinha animo de se ver entre chuva de pólvora e bala" para "conquistar a Casa Santa de Jerusalém e o Paraíso Terreal e a destruir a todos aqueles que se oppossem a tão sagrado fim pugnando pela Ley de Deos para o que se devião reunir bem armados, e que elle avista de tantas venturas acceitou". Depois disso, seu "cunhado lhe mandou ensinar hum grande numero de orações (que elle recitou e que por serem cheias de superstições nos não transcrevemos), e depois continuou a trabalhar com elle a bem do santo fim a que se tinham proposto". Antônio Pereira disse não saber ao certo quantas pessoas viviam na "Cidade", mas acreditava que havia mais de 200, sendo muitas mulheres e crianças, e afirmou não ter participado das cerimônias religiosas que se realizavam todas as noites¹⁴. Afirmara ainda que as doações feitas pelo sargento João Francisco da Silva justificavam-se, pois os "Procuradores de Jesus Christo assim o tinha ordenado em nome da Santa Milagrosa".

No depoimento do Capitão da Comissão e Comandante do 12º Batalhão de Milícias, Manoel José de Castro, do qual Silvestre e Manuel Gomes haviam desertado, contou que

estando já um preso em poder da escolta, que era de dezesseis homens, comandada por um Alferes, não obstante isso, fôra atacado e o preso foí tirado, e deo hum tiro, antes de ser preso, com que ainda ferio hum soldado, isto he, nao chegou a ferir o soldado, esse foi queimado pelo facto, ou vestuario, e sendo nesta ocasião preso, chegara o pai deste desertor e o tirara á escolta, estando este armado de bacamarte. (Devassa, fólho 37).

Um dos espias que enviou para o Rodeador dera parte ao Capitão que

no dito sitio havia o melhor de setenta homens todos armados, e cada hum com quatro armas, huma espingarda ou bacamarte, huma pistolla,

¹³Segundo o General Luiz do Rego Barreto "...há hum numero extraordinário de mulheres, e meninos: excepto os pertencentes aos cabeças, e aos que mais criminosos fossem, mando que os restantes e seus filhos escolhão domicilio; e que tomada a Lista de seus nomes sejam recommendados aos Commandantes Militares, e auctoridades civis, para que vigiem o seu procedimento e por elles respondão. Os meninos sem pais ordeno que venham para esta: os machos e de idade capaz os colocarei em hum estabelecimento, que tenho feito no trem, aonde aprendem officio quarenta meninos infelices, o qual muito progride, e tem ja muitos que serão em breve bons artesaes; e as femeas ou machos muito pequenos serão distribuidos por familias, ás quaes eu dou exemplo tomando hum ou dois", in Devassa, fólho 30.

¹⁴Devassa acerca dos acontecimentos da Serra do Rodeador, fólho 24.

humana parnahiba, e humana faca de ponta; que ninguém ali podia entrar, sem que eles o permitissem, e o espião foi preciso dizer, que hia ali, para para entrar naquela sociedade, e depois de ali se conservar por algum tempo, viu que de noite faziam os seus ajuntamentos, rezavam as suas orações, e depois faziam as suas marchas, e exercícios, tinham Ferreiro ou Espingardeiro, que compunha as armas, e diziam que aquella sociedade era mandada estar ali por Deus, pois que El Rey Dom Sebastião havia ali aparecer; e he que era o verdadeiro Rey, e toda aquella sociedade estava pronta para o defender, que todos os que ali estavam seriam muito felizes, e que elles se compadeciam da infelicidade, dos que não estavam naquela sociedade, por que eram infelizes por força". (Devassa, fôlio 37 verso).

Estes e muitos outros depoimentos informam claramente do projeto bélico-messiânico que alimentou a organização e a resistência dos integrantes da Cidade do Paraíso Terrestre. A expectativa sobre a conquista da felicidade eterna e da necessidade da luta armada para atingir o objetivo esperado, encontrou no Rodeador outras motivações, além das estritamente religiosas. Por mais que, no momento, seja difícil decifrar com exatidão os significados da espera e da luta pela volta de D. Sebastião em pleno interior pernambucano às vésperas da independência, o contexto que ensejou o surgimento de um movimento como este, pelo pouco que se pode ver através desses fragmentos documentais, nos permite levantar algumas questões de ordem política e militar.

O fato da Cidade do Paraíso Terrestre ser comandada e fundada por desertores, o que parece ser verdadeiro também para boa parte de seus componentes, abre a possibilidade de pensarmos a sedição sebastianista do Rodeador a partir da recusa desses homens de participarem das tropas militares de um rei do qual não se sentiam mais súditos. Exemplo maior desse componente de resistência ao alistamento aparece em um depoimento de outro espião que depois de informar sobre os rituais religiosos e armados dos quais participavam os líderes Silvestre José e Manuel das Virgens, relatara que

estavam de joelhos com as espadas na mão, e faziam humas cruces, e batiam tres vezes com as espadas, dizendo varias palavras"- afirmava que "se promettia humana felicidade immensa, á quem alli entrasse, e lamentavam a infelicidade dos que estavam de fora da mesma, que quem alli estivesse, podia estar seguro, e livre de tudo, e que ninguém governava sobre elles so Deus, e El Rey Dom Sebastião, e a Senhora, e que não temiam, nem obedeciam a mais ninguém, e que hum dia haviam dali e hirem, e marcharem, em quanto estivessem em terra firme, e

fariao, que todos obedecessem, e seguissem aquella Santa Ensinuação, e que nao haveriao mais milicianos, nem soldados da Primeira Linha, e que tudo se havia acabar, em elles sahindo daquelle sitio, que ja aquella sociedade tinha para cima de cento e cinquenta homens , e bem armados(...). (Devassa, fólho 40).

O problema ou a frequência da deserção é, entretanto, questão que ultrapassa muito os limites do Rodeador e mesmo de Pernambuco. Jancsó cita, por exemplo, o caso do soldado do Regimento dos Granadeiros, Luís Gonzaga das Virgens e Veiga, que entre 1786 e 1791, desertou três vezes, estando, em 1798, na lista dos envolvidos na sedição da Bahia. A disciplina do ofício, o soldo reduzido, as disposições que definiam as normas da vida de soldado, as prisões, o perigo dos cercos a criminosos e o despreparo das tropas faziam crescer o desinteresse pela carreira e abriam brechas para a reiterada desobediência que apontava, por fim, para a fragilização dos laços de vassalagem que ligavam esses homens ao rei. (Jancsó, 1997, p.395-397).

A partir desses rápidos indícios pode-se perceber a complexidade do caso do Rodeador, no qual o cruzamento do mito do Encoberto, de longuíssima duração, conjugou-se às questões específicas de um contexto militar e politicamente explosivo. Se é necessário inserir os "ensaios sediciosos" e a "Revolução Pernambucana" no quadro mais amplo da crise do Antigo Regime e, ainda, da especificidade da situação portuguesa na conjuntura de expansão napoleônica que trouxe a família real para o Brasil, deve-se tomar o caso do Rodeador como parte desse conjunto mais amplo de acontecimentos que marcaram o processo de independência, ou ainda de fragilização da legitimidade de um rei que não mais conseguia manter-se como o guardião da justiça e da ordem. Os acontecimentos da "Revolução Pernambucana" e o recrutamento forçado parecem ser parte indissociável do processo que fez surgir a Cidade do Paraíso Terrestre. Mas se os revoltosos de 1817 pregaram o fim do antigo sistema e ensaiaram um modelo republicano inspirado na independência Americana ou na Revolução Francesa, os adeptos do Rodeador viveram esse momento de incerteza investindo na expectativa da volta de um rei Encoberto guardado em uma pedra encantada e prestes a salvá-los da dor e da miséria. Não desprezavam a existência de D. João VI, mas afirmavam que "querendo El Rey Dom João 6º seguir El Rey Dom Sebastião ainda El Rey Dom João 6º havia ser bem premiado por Dom Sebastião" (Devassa, fólho 92), este sim o rei legítimo e justo.

Motim de soldados que se entendiam integrantes do exército de D. Sebastião e defensores da monarquia, os homens e mulheres da Cidade do Paraíso

Terrestre sonhavam com a fartura, a imortalidade e a felicidade eterna, e anunciavam, tal como as sedições apontadas por Jancsó, "a revolução desejada". No caso do Rodeador era o próprio rei o Desejado, mas não menos revolucionário o resultado: pregavam a inversão da ordem e a transformação dos líderes em príncipes, dos pobres em ricos, e desafiavam, armados, a todos, das autoridades locais e imediatas ao rei, submetendo-se apenas a uma hierarquia sagrada com a mesma disciplina que aprenderam nas milícias.

A relação direta e estreita entre a vivência de uma religiosidade fortemente marcada por um catolicismo depurado de abstrações com uma severa disciplina militar e hierárquica, que separava homens e mulheres nas cerimônias e onde havia um grupo de "procuradoras da honestidade das mulheres", desautoriza qualquer interpretação simplista que associe os populares a licenciosidades e libertinagens sexuais. A rígida organização interna do movimento, onde havia dois chefes, ou os "procuradores de Jesus Christo", quatro capitães e quatro alferes, além de "procuradores de homens e mulheres" revelam uma racionalidade híbrida que agrega e reinterpretar símbolos e representações católicas, militares e aspectos organizacionais de irmandades a uma forma muito própria de esperar pela volta de D. Sebastião.

Muitos outros aspectos citados na devassa merecem estudos mais aprofundados, e apresentam características novas em relação às manifestações sebásticas populares observadas em Portugal nos séculos XVI e XVII. Para a questão mais específica proposta nesta breve reflexão - pensar o movimento que deu origem à Cidade do Paraíso Terrestre como um episódio de novo tipo no contexto da crise que levou ao fim da relação colonial que subordinava o Brasil a Portugal - pode-se perguntar em que medida a "interiorização da metrópole" (Dias, 1972) estimulou a expectativa de que ficasse no Brasil a Cidade do Paraíso Terrestre, retomando as "Teses" de Henequin sobre a localização do Quinto Império do Mundo. O fato do Brasil ter sido alçado à categoria de sede do reino, as dificuldades para uma efetiva centralização política e as especificidades da situação pernambucana e, particularmente, dos soldados insatisfeitos com o recrutamento, certamente fazem parte do cenário que ensejou o surgimento da Cidade do Paraíso Terrestre.

Órfãos de um rei encantado e de um país imaginário, os "soldados" do Rodeador traduziram na Cidade do Paraíso Terrestre uma faceta ainda pouco conhecida dos impasses vividos pelos habitantes coloniais às vésperas da independência. Integrantes de uma "sedição régia", estiveram, sem saber, irmanados aos portugueses que resistiram aos Habsburgo durante a União Ibérica e agora esperavam

lutar para apressar a chegada do verdadeiro monarca, reatualizando o fantasma que continuava a assombrar a monarquia portuguesa.

Fontes

"Devassa acerca dos acontecimentos da Serra do Rodeador". Governadores de Pernambuco. Correspondência com o Ministro do Reino 1820-21. Seção de Documentos, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.

Memória Justificativa sobre a conduta do Marechal de campo Luiz do Rego Barreto durante o tempo em que foi Governador de Pernambuco, e presidente da Junta Constitucional da mesma província. Oferecida à nação portuguesa. Lisboa, Tipographia de Desiderio Marques Leão, 1822.

Referências bibliográficas

CASTRO, D.João de. *Discurso da vida do rey Dom Sebastiam*. Fac-símile da ed. De 1603.

Paris. Introdução de Aníbal Castro. Lisboa, Edições Inapa, 1994.

COSTA, F. A. Pereira da, "O Folk-lore Pernambucano", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo 70, parte II, 1907, pp.33-44.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Plínio Freire. *Um herege vai ao paraíso. Cosmologia de um ex-colono condenado pela Inquisição (1680-1744)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

HERMANN, Jacqueline. *No Reino do Desejado. A construção do sebastianismo em Portugal, séculos XVI e XVII*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

_____. *O sonho da salvação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, Coleção Virando Séculos, vol.3.

MOTA, Carlos Guilherme. *Idéia de Revolução no Brasil (1789-1801). Estudo das formas de pensamento*. Petrópolis, Vozes, 1979.

_____. *Nordeste:1817. Estruturas e Argumentos*. São Paulo, Perspectiva, 1972.

_____. *1822. Dimensões*. 2ª edição. São Paulo, Perspectiva, 1986.

MOTT, Luiz. *Rosa Egípcia - uma santa africana no Brasil*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1993.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, (2ª ed.). São Paulo, Alfa-Omega, 1976.

RIBEIRO, René. "Episódio da Serra do Rodeador (1817-1820): um movimento milenar e sebastianista", *Revista de Antropologia*, vol. 8, nº 2, São Paulo, dezembro de 1960.

Resumo

Este artigo discute alguns aspectos do movimento sebastianista da Serra do Rodeador, ocorrido no interior de Pernambuco, entre 1818 e 1820. Contemporâneo da Revolução Pernambucana de 1817, foi liderado por desertores das milícias legais que, reunindo entre

200 e 400 integrantes, fundaram a Cidade do Paraíso Terrestre. O grupo armado do Rodeador esperava a volta de D. Sebastião e de todo seu exército para o início de um novo tempo de fartura e prosperidade, e estava disposto a lutar contra os que não respeitassem a vontade daquele que consideravam o verdadeiro rei. A proposta deste texto é discutir o movimento no conjunto dos chamados "ensaios sediciosos" que antecederam o processo que culminou com a independência do Brasil, em 1822, dando continuidade ao estudo comparado dos sebastianismos luso-brasileiros.

Palavras-chave: Sebastianismo; messianismo; D. Sebastião; religiosidade popular.

Abstract

This article discusses some aspects of the Sebastianist movement of Serra do Rodeador that took place in the inlands of Pernambuco between 1818 and 1820, being thus contemporary of the Pernambucan Revolution of 1817. Led by deserters of local militias, approximately 300 armed men founded the "City of the Heavenly Paradise" and waited for the imminent return of Dom Sebastião and his mighty army. They expected that the arrival of Dom Sebastião would mark the beginning of an era of wealth and prosperity and were ready to fight against those who might oppose the man they considered the only true king.

The goal of this article, which was conceived as part of our ongoing research project comparing Sebastianist movements in Brazil and Portugal, is to discuss the movement of Serra do Rodeador as being part of the so called "seditious trials" that have preceded the process that culminated in the political independence of Brazil in 1822.